

ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS
DENISE MARIA BARRETO COUTINHO
ELOISA LEITE DOMENICI
DANIELA LLOPART CASTRO
CLARA TRIGO

DANÇA EM RELATOS DE EXPERIÊNCIA: CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS

ANDA EDITORA, 2020

NECRO-OLHAR E AS RELAÇÕES DE OLHAR

Marcial Lourenço Macome (PPGAC/ECA-USP)
Orientadora: Dra. Maria Helena Franco de Araújo Bastos

Segundo Basto (2017) “o corpo deve ser visto como base de intersubjetividade, esfera de relações”. O homem é um ser de relações o que evidentemente o torna por natureza um ser relacional. Há um corpo e um ambiente envolvidos entre si na troca de informações que se modificam, no entanto essas trocas estão em constantes processos coevolutivos de tal maneira que não podemos separar um do outro. Assim também é a relação entre o olhar e a memória, o exercício de olhar ativa em nós algumas memórias ou nos faz associar as imagens do olhar a algum tipo de experiência.

Conscientes que as relações entre corpo e ambiente se dão por processos coevolutivos, que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado emocionais (GREINER e KATZ, 2005) realizamos uma serie de ações performativas²⁴ cujo disparador era o olhar e ocupar espaços públicos, afinal “a observação é um elemento essencial da arte de representar”²⁵. Durante uma das performances realizadas na Pinacoteca de São Paulo com o coletivo Legítima Defesa que participava da exposição “Somos muit+s: experimentos sobre coletividade”²⁶, nos propomos particularmente a perceber que tipo de relações e memórias podiam ser estabelecidas á partir de olhares e da presença de corpos negros em espaço público²⁷

A partir dessas performances gerou-se uma série de reações e posicionamentos, como por exemplo: “O Homem branco quando olha hoje para um Homem negro é por carinho e não constitui ameaça para o Homem negro nas calçadas de São Paulo vocês sabem disso, mas... sei lá... quando um

²⁴ Estamos conscientes das diferenças entre performance, teatro performativo e teatro, propositadamente usamos as palavras performance e representar em simultâneo ainda que de per si essas duas palavras podem ter significados diferentes.

²⁵ BRECHT, 1978: 121

²⁶ Ver: <http://pinacoteca.org.br/programacao/somos-muits/>. Acesso: 26 set. 2019.

²⁷ Estas performances foram realizadas com os coletivos: legítima defesa, atores sem fronteiras e com o coletivo desconstruindo tabus no MASP, Pinacoteca e Avenida Paulista. Pretendemos ocupar 10 espaços públicos que geralmente são ocupados por pessoas de raça branca. em bloco de 6 a 10 performer negros.

Homem negro olha para um homem/mulher branca é constrangedor é uma espécie de ameaça”²⁸

Dos resultados da performance nasceu a noção de Necro-olhar que é definido como sendo, o resultado das relações de olhares e a relação de eventos históricos, sócias ou de memórias coletivas a que esses olhares estão associados, suas reverberações em corpos negros e brancos. E a partir dessas relações nasce uma disputa social pelo poder, pela dominação, onde o olhar racial vai desempenhar um papel muito importante nos jogos de força e manutenção de dispositivos de controle. É a partir dessa imposição do olhar racial e construção social que o negro vai ser lido como:

[...] aquele que deve a todo o momento, provar a outrem que é um ser humano, que merece ser considerado seu semelhante; como Fanon insiste, provar que é “um homem semelhante aos outros”, “um homem como os outros” que é como nós, que é nosso, que é dos nossos. Ser o outro é sentir-se sempre instável. A tragédia do outro tem origem nesta instabilidade. O outro está constantemente em alerta. (MBEMBE, 2017, p. 245)

Nosso argumentamos é que muitas vezes é a partir do olhar e da memória que as pessoas são catalogadas, é com olhar e memória que ativamos as velhas feridas históricas, os velhos e novos dispositivos raciais, é no simples ato de olhar que se distingue o branco do negro e conseqüentemente a essas distinções vão sendo aplicados todos os mecanismos de segregação. Alias Mbembe lembra-nos que:

Frantz Fanon tinha, no entanto, razão, ao sugerir que o negro era a figura ou ainda um “objeto” inventado pelo branco e fixado, como tal, pelo seu olhar, pelos seus gestos e atitudes, tendo sido tecido enquanto tal através de mil pormenores, anedotas, relatos. Vale a pena também lembrar que o Branco é, a vários respeitos, uma fantasia da imaginação europeia que o ocidente se esforçou por naturalizar e universalizar. (MBEMBE, 2014, p. 85)

Não podemos ignorar que o Brasil é regido por princípio de raças, por princípio de raça, subtende-se, a forma espectral de divisão e de diferença humana susceptível de ser mobilizada para fins de estigmatização, de

²⁸ Depoimento de um casal de idosos brancos interpelados pelo olhar dos performers, temos o registo visual deste episodio e é parte do nosso material de pesquisa. Por questões éticas achamos inconveniente expor as imagens do casal.

exclusão, de segregação, pelos quais tenta isolar, eliminar e até destruir fisicamente determinados grupos humanos. Analisado profundamente este princípio verificamos uma relação entre o olhar e a memória coletiva ou singular. É no olhar que muitas vezes residem nossos medos, nossas paixões e por vezes nossas frustrações. É o necro-olhar que define o negro como símbolos de inferioridade e de carência. Uma simples performance centrada no olhar e memória pode ser capaz de despertar sentimentos diversos nas pessoas relacionadas as suas memórias .

Conclui-se que só por um simples olhar pode-se chegar a nudez das estruturas raciais enraizadas nas infraestruturas públicas e culturais . Pelo que o exercício da desconstrução do necro-olhar nas artes do corpo (dança), no teatro, assim como em outro tipo de manifestação artística ou manifestação social, precisa necessariamente passar por um processo de expurgamento do nosso olhar, pois esses olhares que carregamos estão relacionados a uma série de memórias que muitas vezes nos impedem de abrir espaço para o surgimento de novos olhares ou novas cosmovisões.

Referências

AGAMBEM. Giorgio. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D Poleti, São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG 2007.

BASTOS. Helena. **Corpo sem Vontade**. São Paulo: Cooperativa Paulista de Dança e ECA-USP, 2017.

BRECHT. Bertolt. **Estudos Sobre Teatro**. Trad. Fiana Pais Brandão, Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1978.

MBEMBE. Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini, Sao Paulo: N-1, 2018.

_____, **Crítica da Razão Negra**. Trad. Marta Lanca, Lisboa:Antígona, 2014.

FOUCAULT MICHEL. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalheta, Rio de Janeiro: Vozes,1997.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: GRAAL LTDA, 1979.

_____. **O uso dos corpos.** Trad. Selvino J. Assmann, São Paulo: Boitempo, 2017.

TOCQUEVILLE, Alexis. **De la Democratie en Amérique.** Paris: Flamario, 1981.